

SINAIS DA MODERNIDADE PELA ÓTICA DA LITERATURA FEMININA DE LÍNGUA INGLESA

Alessandra Leles Rocha (Mestre em Geografia pela UFU e graduada em Letras pela UFU)

RESUMO

A leitura é sempre um caminho de aprendizado, na medida em que há situações em que ela se transporta além dos limites naturais do entretenimento e conduz o leitor a um processo de reflexão profunda e irreversível. Esse ensaio visa apresentar uma breve análise sobre os sinais da Modernidade manifestos pela ótica da Literatura Feminina de Língua Inglesa, expressos nos contos *Monday or Tuesday*, de Virgínia Woolf, *A cup of tea*, de Katherine Mansfield e *The Curtain Blown by the Breeze*, de Muriel Spark. As mulheres, então, por meio de sua singularidade reuniram em suas obras toda a sensibilidade em um modo muito particular de traduzir em palavras, as emoções mais complexas que o ser humano pode experimentar a partir do século XIX. Afinal, a Modernidade não foi apenas uma impiedosa quebra com alguma condição preexistente; mas, um processo sem fim de rupturas internas e fragmentações dentro dela mesma. A partir do Iluminismo houve uma ruptura com o passado e o surgimento de um sujeito individual que tinha uma existência inicial e primária, cujas leis e formas sociais constituíram uma forma mais social e coletiva.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Modernidade; Literatura Feminina.

ABSTRACT

Reading is always a learning path, as there are situations in which it transports beyond the natural limits of entertainment and leads the reader to a process of profound and irreversible reflection. This essay aims to present a brief analysis of the signs of Modernity manifested from the opinion of the Women's English Language Literature, expressed in stories Monday or Tuesday by Virginia Woolf; A Cup of Tea by Katherine Mansfield and The Curtain Blown by the Breeze by Muriel Spark. Women, then, through its uniqueness gathered in their work all the sensitivity in a very special way to put into words, the more complex emotions that human beings can experience from the nineteenth century. After all, Modernity was not only a ruthless break with some preexisting condition; but an endless process of internal ruptures and fragmentations within itself. From the Enlightenment there was a rupture with the past and the emergence of an individual subject who had an initial and primary existence, whose laws and social forms were a more social and collective.

Keywords: English Language; Modernity; Women's Literature.

Segundo Gianni Vattimo (1996),

a modernidade pode caracterizar-se, de fato, por ser dominada pela ideia da história do pensamento como uma ‘iluminação’ progressiva, que se desenvolve com base na apropriação e na reapropriação cada vez mais plena dos ‘fundamentos’, que frequentemente são pensados também como as ‘origens’, de modo que as revoluções teóricas e práticas da história ocidental se apresentam e se legitimam na maioria das vezes como ‘recuperações’, renascimentos, retornos. (VATTIMO, 1996, p.6)

Isso se explica, na medida em que, depois de uma Revolução Industrial que estabeleceu definitivamente os chamados Tempos Modernos, o homem se constituiu sujeito livre, em busca da sua emancipação das amarras ideológicas e sociais, imerso em lutas a favor de sua autogestão.

O Modernismo, então, ao mesmo tempo em que impôs uma revisão daquilo que era tradicional, ofereceu um campo de inovação, de ruptura, de algum modo uma “revolução” no plano literário, que irá se desdobrar ainda mais no contexto da Pós-Modernidade. Segundo Calvino (2009), “a linha de força da literatura moderna está em sua consciência de dar a palavra a tudo aquilo que, no inconsciente social ou individual, permaneceu não dito: esse é o desafio que ela renova constantemente” (p.209).

E nesse contexto, entre o século XIX e início do século XX, a atividade feminista no Reino Unido e nos Estados Unidos da América se organizou em torno da igualdade de direitos entre homens e mulheres, contestando desde diferenças contratuais e de propriedade até os casamentos arranjados e de votar e eleger seus representantes, participando então das escolhas políticas.

Como consequência desse processo histórico, então, o feminismo alcança a literatura. Como explicam Sousa e Dias (2013),

grandes nomes se insurgiram para escrever e fundamentar uma tradição literária feminina, que se consolidou nos séculos XIX e XX. As reflexões de Woolf (2004) constataam que a mulher, naquele início de século XX, já estava usando a literatura como uma arte, e não apenas como método de expressão pessoal, como em muitos casos no passado. Em vista disso, Woolf conclui que ainda seria necessário que as mulheres saltassem grandes obstáculos, ignorando os olhares masculinos. (SOUSA; DIAS, 2013, p.58-59)

As mulheres, então, por meio de sua singularidade reuniram em suas obras toda a sensibilidade em um modo muito particular de traduzir em palavras, as emoções mais

complexas que o ser humano pode experimentar a partir do século XIX. Por isso, esse ensaio visa apresentar uma breve análise sobre os sinais da Modernidade manifestos pela ótica da Literatura Feminina de Língua Inglesa, expressos nos contos *Monday or Tuesday*, de Virgínia Woolf, *A cup of tea*, de Katherine Mansfield e *The Curtain Blown by the Breeze*, de Muriel Spark.

Iniciando por Virgínia Woolf, falecida aos 59 anos, apesar de todos os pesares viveu a intensidade de uma alma sensível e atormentada, incapaz de domar a sua própria e infinita inquietude existencial. Por isso, não cabem conjecturas em torno da sua personalidade e comportamento. O que é fundamental é apenas enxergar Virginia Woolf do prisma da sua qualidade literária.

Ela buscou nos domínios do seu autoconhecimento os elementos estruturais da sua obra e inovou trazendo para o seu público leitor o fluxo de consciência e a psicologia íntima, para a construção das tramas emocionais dos seus personagens. O que de certa forma coaduna com o momento social do século XX, a modernidade, segundo explica Colombo (2012),

A sociedade moderna é complexa desde a sua origem. Surgiu de debates e discussões entre vários pensadores e projetos, de diversas propostas ideológicas e pelo inevitável caminhar do tempo histórico. Desde a Revolução Francesa são promovidos debates em diversas áreas sobre o que é o tempo em que se vive, denominado de moderno, e como é o sujeito fruto de seu período histórico. (COLOMBO, 2012, p.26)

Assim, se a linguagem literária é resultado de uma função específica da linguagem verbal, ela também é a *mimesis*, ou seja, é a arte que imita pela palavra. Isto quer dizer que a literatura imita a vida e esta está, portanto, continuamente a ser reinterpretada. Nesse ponto reside a imensa importância do discurso literário como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, de uma identidade.

Virginia Woolf, uma das principais escritoras do Movimento Modernista do século XX, adquire destaque pelo fato de apresentar em suas obras as questões políticas, sociais e feministas, dentro um viés vanguardista.

No conto *Monday or Tuesday*, por exemplo, ela prova que a habilidade de escrita não se encontra no excesso de palavras. Um conto curto, de apenas três páginas; mas, profundamente rico em sensibilidade e reflexão.

Uma garça branca, segundo a autora “preguiçosa e indiferente”, cumpre seu curso de voo à revelia do tempo e do espaço, e se torna o ponto de partida para a complexidade que reveste o ser humano quanto à verdade da vida, a luz de diferentes percepções.

Lazy and indifferent, shaking space easily from his wings, knowing his way, the heron passes over the church beneath the sky. White and distant, absorbed in itself, endlessly the sky covers and uncovers, moves and remains. A lake? Blot the shores of it out! A mountain? Oh, perfect—the sun gold on its slopes. Down that falls. Ferns then, or white feathers, for ever and ever— (WOOLF, 1921, p.41)

Na descrição que o narrador faz desse pássaro a voar fica evidente como a vida das pessoas é diferente e torna a compreensão da verdade sobre a vida exagerada, para a maioria das pessoas. Sim, a maioria de nós são “garças brancas” que cumprem o seu cotidiano como se cada detalhe fosse extraordinariamente interessante. No entanto, para quem escreve, isso não passa de uma trivialidade pouco inspiradora.

A verdade que busca o escritor é uma verdade que transcende o banal, o cotidiano. É uma verdade que precisa tocar a sensibilidade mais profunda para ser capaz de fazer algum sentido e estabelecer uma comunicação satisfatória com o leitor. O que Virginia Woolf quer nos informar é que a sua busca se concentra na verdade sobre a existência.

Now to recollect by the fireside on the white square of marble. From ivory depths words rising shed their blackness, blossom and penetrate. Fallen the book; in the flame, in the smoke, in the momentary sparks— or now voyaging, the marble square pendant, minarets beneath and the Indian seas, while space rushes blue and stars glint—truth? or now, content with closeness? (WOOLF, 1921, p.43)

Isso faz lembrar uma frase de Clarice Lispector (2018) que diz, “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada”.

Por isso, não são raras às vezes em que o escritor se questiona sobre a sua capacidade de escrita. Não basta uma garça branca. Nem rodas, ônibus, fumaça saindo das chaminés, lareira, chá, mares da Índia... A escrita é uma arte difícil.

Talvez, seja porque o escritor tenha medo de traduzir o que a particularidade de seu olhar é capaz de revelar. Quando o subjetivo é traduzido em palavras se estabelece um registro. Há, portanto, uma exposição pública de algo, até então, íntimo, reservado. Então, um dilema se estabelece em torno de qual verdade se pretende afirmar.

Nesse sentido, Mezan (1986) explica que o indivíduo, por viver em sociedade, não pode fazer tudo o que deseja, deve aprender a controlar seus impulsos etc. Mas a sociedade não apenas nos *impede* de fazer o que desejamos. Através dos procedimentos identificatórios, ela também nos *permite*, torna possível para nós, o exercício de nossas potencialidades.

Uma ideia que se adequa também a Katherine Mansfield e se completa pelas palavras de Orlandi (2001, p.20), “o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”.

Isso significa que a escrita proposta por Katherine Mansfield não poderia abstrair por completo as referências identitárias da sua própria história. Nascida em uma família colonial britânica de classe alta, em Wellington, capital da ex-colônia britânica Nova Zelândia, ela cresceu em meio aos desdobramentos decorrentes da Revolução Industrial europeia, os quais culminaram com a transformação de toda a estrutura social existente, até então.

Além das relações humanas, dos costumes, das disputas, esse período conhecido como Modernidade trouxe à luz os conflitos de ordem ideológica, de modo que o sujeito passou a questionar e explicar racionalmente e não mais, a partir de noções fundamentadas na religião. Nesse contexto, uma nova configuração de relações trabalhistas influenciadas pelo capitalismo emergente foi o ponto principal da nova organização do mundo. Por isso, a era moderna foi marcada pela segregação de classes, indivíduos e, principalmente, de nações.

Portanto, entre as referências de ordem pessoal e aquelas oriundas da efervescência do mundo, se estabeleceu uma literatura com nuances críticas sobre aspectos que certamente trouxeram alguma inquietação para Katherine Mansfield.

Em *A cup of tea*, o modo como a autora fala sobre a hierarquização social e distinção rígidas presentes no contexto social entre os séculos XIX e XX, de modo que os membros de diferentes classes tem seu acesso social diferenciado, aponta para algo semelhante ao que se viu no filme *Titanic* (1997), por conta da relação que se estabelece entre os tripulantes da primeira e da terceira classe durante a história, envolvendo ciúme, insegurança e materialismo, construção da relação entre as personagens Rosemary e Philip Fell, um casal rico, e a Senhorita Smith, uma jovem pobre e magra.

Rosemary Fell é descrita como uma senhora, rica e com um ótimo estilo de vida, o qual lhe proporciona as extravagâncias do consumo e casada com um marido dedicado e amoroso, o senhor Philip Fell. Enquanto que, a senhorita Smith, embora tenha aparentemente a mesma idade da Sra. Fell, é uma moça pobre, magra e de comportamento estranho, assustado e confuso.

Seus caminhos se cruzam num dia de compras chuvoso, no qual a senhorita Smith pede por “uma xícara de chá” a Sra. Fell, quando esta saía de um antiquário, após se encantar com uma peça de alto valor.

But at the very instant of thinking that, a young girl, thin, dark, shadowy - where had she come from? - was standing at Rosemary's elbow and a voice like a sigh, almost like a sob, breathed: "Madam, may I speak to you a moment?"

"Speak to me?" Rosemary turned. She saw a little battered creature with enormous eyes, someone quite young, no older than herself, who clutched at her coat-collar with reddened hands, and shivered as though she had just come out of the water. "M-madam, stammered the voice. Would you let me have the price of a cup of tea?"

"A cup of tea?" There was something simple, sincere in that voice; it wasn't in the least the voice of a beggar. "Then have you no money at all?" asked Rosemary.

"None, madam," came the answer.

"How extraordinary!" Rosemary peered through the dusk and the girl gazed back at her. How more than extraordinary! And suddenly it seemed to Rosemary such an adventure. It was like something out of a novel by Dostoevsky, this meeting in the dusk. (MANSFIELD, 1923, p.53)

Surpresa com o pedido da senhorita Smith, a Sra. Fell, na verdade, se comporta exatamente como qualquer rico do início do século XX; pois, a distância existente entre aquelas duas realidades sociais, ricos e pobres, era tão absoluta que lhes impedia de compreenderem seus mundos.

Assim, como quem se diverte com o inusitado, ela convida e leva a senhorita Smith para tomar o chá em sua residência, o que não deixa de ser uma manifestação de superioridade social; inclusive, porque ela pretende ouvir as histórias daquela pobre moça que lhe soam totalmente estranhas à sua realidade.

O ponto crítico desse “jogo de poder” se faz na chegada do senhor Philip Fell, além de reprovar as intenções da esposa em receber uma desconhecida (e pobre) em casa, ele também manifesta elogios à beleza da moça. O impacto causado pelas palavras elogiosas do marido reacende a insegurança da Sra. Fell.

"But," said Philip slowly, and he cut the end of a cigar, "she's so astonishingly pretty."
"Pretty?" Rosemary was so surprised that she blushed. "Do you think so? I - I hadn't thought about it."
"Good Lord!" Philip struck a match. "She's absolutely lovely. Look again, my child. I was bowled over when I came into your room just now. However... I think you're making a ghastly mistake. (MANSFIELD, 1923, p.60)

Diante daquela situação, ela percebeu que apesar de toda a ornamentação propiciada pela riqueza – joias, roupas, maquiagem etc. – aquela jovem e pobre moça é que tinha uma beleza capaz de chamar a atenção dos outros, inclusive o seu próprio marido.

Talvez, a intenção dele tenha sido apenas causar ciúme à esposa, na medida em que conhecia as suas fragilidades existenciais, ou, simplesmente, fazer desse ciúme um mecanismo que poderia dissuadi-la de se estender naquele encontro tão ofensivo aos padrões.

A verdade é que o ciúme surtiu efeito, fazendo com que a Sra. Fell se despisse de algum senso humanitário e mandasse embora a moça, dando-lhe algum dinheiro como em um gesto de esmola. Para compensar essa fragilidade, ela agiu de modo a convencê-lo a comprar a peça cara que havia gostado no antiquário naquela tarde.

"Do you like me?" said she, and her tone, sweet, husky, troubled him.
"I like you awfully," he said, and he held her tighter. "Kiss me."
There was a pause.
Then Rosemary said dreamily: "I saw a fascinating little box to-day. It cost twenty-eight guineas. May I have it?"
Philip jumped her on his knee. "You may, little wasteful one," said he.
But that was not really what Rosemary wanted to say.
"Philip," she whispered, and she pressed his head against her bosom, "am I pretty?" (MANSFIELD, 1923, p.64)

No fim, Katherine Mansfield parece querer nos mostrar é o fato de que, enquanto alguns sofriam as agruras da pobreza, os ricos podiam sofrer as suas “fragilidades humanas” e curá-las pelo simples mecanismo do consumo, uma característica tão própria da Modernidade.

Quanto à Muriel Spark, ela foi uma romancista, poeta e crítica literária escocesa, mais conhecida por seu romance de 1961, *The Prime of Miss Jean Brodie*, a história de uma professora em uma escola de meninas.

Em 1993, recebeu o título de Dame da Ordem do Império Britânico, como reconhecimento ao seu trabalho literário. Foi indicada ao Booker Prize em 1969 e 1981;

bem como, incluída pelo Jornal *The Times* na lista dos 50 maiores escritores britânicos desde 1945.

Embora se considerasse uma poetisa, construiu uma carreira impressionante como romancista. Ela sabia explorar os aspectos sombrios e leves da vida em seu trabalho, em um estranho equilíbrio entre o cômico e o trágico. Seus contos são psicologicamente interessantes porque ela reluta em revelar tudo o que seus personagens pensam e sentem, levando o leitor a refletir sobre as histórias e buscar eventuais respostas.

Ela faleceu aos 88 anos, em Florença (Itália), no ano de 2006; portanto, viveu mais intensamente a transição entre a Modernidade e a Pós-Modernidade ¹ do que as outras autoras presentes nesse ensaio.

Assim, em o conto *The Curtain Blown by the Breeze*, ela descreve a realidade feminina nos tempos coloniais, por meio da personagem Sra. Van der Merwe, cujo marido é preso por assassinar um menino nativo que havia espiado a cortina da sala de Merwe enquanto ela amamentava seu bebê, logo no início da história.

Mas, apesar do acontecimento trágico, ela se descobre rica e independente para refazer sua vida. Sonia Van der Merwe assume o comando, incentivada pelas mulheres médicas britânicas que servem na colônia, e logo aprende a usar suas artimanhas femininas para ter acesso ao poder e controle em Fort Beit.

It was about a year after my arrival at Fort Beit that I came across Sonji Van der Merwe and, together with the other nurses, read the letter which was about to be sent to her husband four hundred miles away in the Colony's prison. She posted the letter ritualistically the next afternoon, putting on her church-going gloves to do so. She did not expect, nor did she receive, a reply. Three weeks later she started calling herself Sonia. (SPARK, 1961, não paginado)

A história é narrada da perspectiva de uma enfermeira inglesa, que se mudou para a África do Sul (The Colony) acompanhando o irmão médico, Richard, responsável por uma clínica de doenças tropicais.

O ambiente coloca pressões sobre os personagens que resultam da tensão entre os africanos e os britânicos. E a cultura da violência parece ser parte integrante da vida na

¹ Uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. (...) vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades. (EAGLETON, 1996, p.7)

Colônia, demonstrando toda a sua fúria e tragicidade quando Jannie Van der Merwe, libertado da prisão, descobre que Sonia estava tendo um caso e atira nela e no amante.

He ordered the native to fetch a duster and remove the dust. When this was done Jannie proceeded on his tour, and when he had tried everything for dust he went out and down the path towards the river. He found Sonia and Frank at the ox-stalls arguing about what to do and where to go, and taking a revolver from his pocket, shot them. Sonia died immediately. Frank lingered for ten hours. This was a serious crime and Jannie was hanged. (SPARK, 1961, não paginado).

A grande questão que se aponta no texto é a liberdade; sobretudo, a feminina. Enquanto para alguns Sônia Van der Merwe tornara-se uma figura extravagante e interessante, para outros ela despertava certo incômodo, uma discriminação por suas atitudes em uma sociedade predominantemente masculina.

But this, now that she had begun to reveal such visible proof of her glamorous fortune and character, was no bar to the society of the vet, the chemist and the clergyman. Many of the doctors from the clinic visited her and were enchanted by her eccentric grandeur, and much preferred her company to that of the tropical-skinned vet's wife and the watery-blond chemist's wife and the music-loving clergyman's wife, at sultry sundowner times in the rainy season. My brother Richard was fascinated by Sonia. (SPARK, 1961, não paginado).

O que se traduz no modo em que o panorama de Fort Beit é expresso pela autora, ou seja, de um lugar decadente onde nunca houve um sopro de brisa, exceto na estação de tempestades e onde as cortinas nas janelas nunca se moviam com a brisa, a não ser que houvesse uma tempestade.

The English nurses discovered that they could not sit next a man at dinner and be agreeable – perhaps asking him, so as to slice up the boredom, to tell them all the story of his life – without his taking it for a great flirtation and turning up next day after breakfast for the love affair; it was a place where there was never a breath of breeze except in the season of storms and where the curtains in the windows never moved in the breeze unless a storm was to follow. (SPARK, 1961, não paginado).

Segundo o filósofo Sêneca, “O perigo não nos é externo, nenhum muro nos separa do inimigo. Ao contrário, os perigos mortais estão dentro de nós”. O texto, então, consegue um extraordinário ponto de reflexão para a sociedade contemporânea, no que tange a uma análise sobre a existência ou não de transformações concretas para o papel

social de homens e mulheres, a partir do modo como ambos se posicionam e defendem esse papel.

Essa breve análise sobre os sinais da Modernidade manifestos pela ótica da Literatura Feminina de Língua Inglesa, portanto, se ilumina pelas palavras de Coracini (2005),

na busca, portanto, da totalidade, encontra-se a falta; na busca das certezas, encontram-se as dúvidas, na busca de um porto seguro, encontra-se a insegurança, que se manifesta, sobretudo, quando mitos da modernidade, simulacros do paraíso, nos colocam, de forma poderosa, em situação de inferioridade, de constrangimento, de angústia. (CORACINI, 2005, p.18-19)

Cada uma dessas autoras faz emergir um olhar diferenciado à mulher do início do século XX, ou seja, aquela que passa a problematizar, a questionar o que, aparentemente, não pode ou não deve ser questionado. Isso significa que se descortina literariamente um novo modo de exteriorizar os pensamentos, os sentimentos e as emoções femininas, por meio das diversas formas de comunicação e linguagem. Afinal, como explicam Zinani e Polesso (2010),

muito da produção feminina escrita, tanto literária quanto crítica, política ou social pode ter-se perdido, especialmente pela não valorização desses trabalhos, afinal, o contexto da produção é uma sociedade patriarcal dominante que não considera a mulher como cidadã dotada de pensamentos, vontades e direitos, negando-lhe, também, uma identidade intelectual. Entendemos sociedade patriarcal como uma sociedade em que naturalmente os homens detêm o poder de decidir as verdades que sustentam o mundo. (ZINANI; POLESSO, 2010, p.102)

Então, o que fazem os contos de Virgínia Woolf, Katherine Mansfield e Muriel Spark aqui apresentados é promover uma reflexão capaz de desconstruir essa divisão social existente há séculos, bem como os seus desdobramentos no campo intelectual, linguístico e cultural, proporcionando leituras não hierárquicas ou de verdades absolutas.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. Cibernética e fantasmas (Notas sobre a narrativa como processo combinatório). In: _____. **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

COLOMBO, M. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v.20, n.1, p.25-39, Jun. 2012.

EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MANSFIELD, K. A cup of tea. In: _____. **The Doves' nest and other stories**. New York: Alfred. A. Knopf, Inc., 1923. p.50-64.

MEZAN, R. **Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias**. Campinas: Escuta, 1986. p.21-23.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORWELL, George. **1984**. 29.ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.

PENSADOR. **Frases de Clarice Lispector**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frases-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SOUSA, D. P. de A.; DAS, D. L. F. Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil. **Revista Gênero na Amazônia**, Belém, n.3, jan./jun., 2013. Disponível em: < <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara%20e%20Daise.pdf>>.

SPARK, M. **The Curtain Blown by the Breeze**. The London Magazine. January, 1961. Available in: <https://www.thelondonmagazine.org/the-curtain-blown-by-the-breeze-by-muriel-spark/>.

TITANIC. Direção: James Cameron. EUA: Paramount Pictures, 20th Century Fox, Lightstorm Entertainment, 1997. 2 filmes (195 min), son., color.

VATTIMO, G. **O fim da Modernidade** – Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WOOLF, V. Monday or Tuesday. In: _____. **Monday or Tuesday**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1921. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/29220/29220-h/29220-h.htm>. Acesso em: 10/04/2018.

ZINANI, C. J. A.; POLESSO, N. B. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n.18, p. 99-112, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/998/1054>.